

Referências bibliográficas

- Actas das Reuniões da CMA, Livro nº41, 29/04/1938, Arquivo Municipal de Alcobaça.
- Actas das Reuniões da CMA, Livro nº37, 20/05/1932, Arquivo Municipal de Alcobaça.
- Actas das Reuniões da CMA, Livro nº 44, 30/06/1942, Arquivo Municipal de Alcobaça.
- Actas das Reuniões da CMA, Livro nº51, 30/09/1952, Arquivo Municipal de Alcobaça.
- Actas das Reuniões da CMA, Livro nº53, 05/05/1955, Arquivo Municipal de Alcobaça.
- Actas das Reuniões da CMA, Livro nº55, 13/11/1956, Arquivo Municipal de Alcobaça.
- Andrade A (2001) *A construção medieval do território*, Livros Horizonte, Lisboa.
- Gonçalves I (1989) *O património do Mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV*, Universidade Nova, Fac. de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa.
- Câmara Municipal de Alcobaça (1945) *Gerência de 1944*, Tip. Alcobacense, Alcobaça.
- Cister: espaços, territórios, paisagens, Actas Colóquio Internacional Alcobaça* (2000) Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa.
- Contracto de Aquisição da Quinta da Gafa*, 14/06/1932, Biblioteca Municipal de Alcobaça, Caixa 11.
- Correia F S C (1999) *Origens e formação das misericórdias portuguesas*, Livros Horizonte, Lisboa.
- Di Salvatore S (2012) *A Cidade Interrompida: Reflexos da Política Urbanística do Estado Novo no Processo de Planeamento Urbano da Cidade de Alcoaça*, Ph.D. Thesis, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.
- Diário da Câmara dos Senhores Deputados, nº7, Acta de 09-07-1860.
- Diário da Câmara dos Senhores Deputados, nº56, Acta de 15-03-1861.
- Diário da Câmara dos Senhores Deputados, nº 42, Acta de 16-12-1891.
- Diário das Sessões Assembleia Nacional, n.º 132S, Acta de 04-03-1948.
- Diário do Governo, 1ª Série, Decreto-Lei 24802, de 21 de Dezembro de 1934.
- Gonçalves I (1989) *O património do Mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV*, Universidade Nova, Fac. De Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 390.
- Guidoni E (1989) *Storia dell'Urbanistica, Il Duecento*, Laterza, Bari-Roma
- Relatório da actividade do Ministério da Obras Públicas no triénio de 1947 a 1949* (1950) Ministério das Obras Públicas e Comunicações.
- Natividade M V (1885) *O Mosteiro de Alcobaça: notas históricas*, Imp. Progresso, Coimbra.
- Parecer Relativo ao Antepiano de Urbanização de Alcobaça*, nº 2355, 03/02/1953. Arquivo Histórico do Ministério das Obras Publicas, Fundo Pareceres CSOP.
- Tostões A (1997) *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*, FAUP, Porto.
- Vaz Costa S (2012) *O país a régua e esquadro, Urbanismo, Arquitectura e Memória na Obra Pública de Duarte Pacheco*, IST, Lisboa.
- Vila Nova B (1940) *Alcobaça através do arquivo da sua Câmara Municipal: 1836-1902*, Câmara Municipal, Alcobaça.
- Vila Nova B (1940) *O Progresso Urbano da Vila de Alcobaça*, Tip. Alcobacense, Alcobaça.

Geo-morfo-evolução de Setúbal e Évora: paralelismos e diversidades

Manuela Tomé¹, Maria do Céu Tereno,² Maria Filomena Monteiro³

¹ Câmara Municipal de Setúbal

SMPCB, Est. de Algeruz, Quartel da CBSS, Telefone/fax: 00 351 265739330 / 00 351 265739348

² Departamento de Arquitetura, Universidade de Évora

Colégio dos Leões, Estrada dos Leões, 7000-208 Évora, Portugal, Tel. 00351266745300

³ Divisão de Cultura e Património, Câmara Municipal de Évora

Praça de Sertório, 7004-506 Évora, Portugal, Tel. 00351266777000

¹ manuela.tome@mun-setubal.pt, ² ceutereno@gmail.com, ³ filomena.monteiro@cm-evora

Resumo

As cidades apresentam no seu desenvolvimento características comuns, embora em cada uma se verifique uma entidade intrínseca e determinada por vários fatores, nomeadamente a morfologia e o desenho urbano. Estes são influenciados pelo processo de instalação da cidade, numa determinada época, com uma posição específica no território funcional e num sítio com características topográficas e geográficas, que irão informar a criação das várias dimensões da configuração urbana; económicas; funcionais; sociológicas; estéticas e simbólicas. Temos, assim, cidades com os seus elementos estruturantes distintos: ruas; praças; quarteirões, equipamentos; edifícios singulares e a arquitetura de carácter corrente, que as distinguem. Analisemos o exemplo das cidades de Setúbal e Évora sob estes aspetos e as suas diferentes configurações morfológicas. A cidade de Setúbal instalou-se numa local que lhe assegurou boas condições naturais de defesa, boa exposição solar, proteção dos ventos, facilidade de recursos económicos assentes nas actividades fluvio-marítimas, condições geográficas de comunicação quer por via terrestre, quer por via fluvial e marítima, através do Oceano Atlântico. A urbe, que beneficiou de grande desenvolvimento no período de ocupação romana, terá sofrido, posteriormente, um período de decadência, tendo sido reocupada com a reconquista cristã. A área urbana inicial foi cercada, no séc. XIV, por uma cintura de muralhas. No séc. XVII a construção da segunda estrutura defensiva, abaluartada, circunscreveu também os arrabaldes e conteve a consolidação urbana até ao final do séc. XIX. Évora é uma urbe que, remontando a data indeterminada, conserva ainda hoje o seu centro histórico circunscrito por um conjunto notável de muralhas cuja construção remonta à Baixa Idade Média. O desenvolvimento da cidade ocorreu a partir dos eixos que ligavam as principais portas situadas no circuito amuralhado quer o mais antigo que remontava ao período romano-godo quer o seguinte da época medieval, ou o mais recente, o Sistema Vauban do século XVII. O tecido urbano foi-se densificando ao longo dos séculos constatando-se actualmente a existência de espaços urbanos livres no casco histórico de tipologias diversas. No caso de Setúbal o tecido urbano foi sendo formado, com uma forma alongada, sob a orientação de eixos paralelos à linha de costa e o surgimento progressivo de praças, segundo um crescimento orgânico, embora submetido a uma estrutura que seguiu em cada momento os parâmetros organizacionais definidores e geradores da forma urbana. A cidade de Évora teve um desenvolvimento radio-concêntrico que evoluiu prolongando os eixos radiais, interligados através de vias circulares.

Palavras-chave

Morfologia urbana; cartografia; desenvolvimento urbano; Setúbal; Évora.

Introdução

Considerando que “A cidade, tal como a realidade histórica, nunca é independente das etapas por que passou na sua evolução: é uma actualização dessas etapas e a sua projecção em direcção ao futuro.” (Goitia, 1982, 25) temos cidades com os seus elementos estruturantes distintos, como diversos são os planos que permaneceram ou as transformações diacrónicas.

Neste estudo pretendemos analisar duas cidades portuguesas, Setúbal e Évora, sob o aspecto da génese da sua evolução e características morfológicas que se mostram muito distintas. Observámos o seu percurso de vida, nas suas dimensões material (*urbs*¹) e social (*civitas*²), atendendo às adaptações ao local e às necessidades e ambições das respectivas sociedades, e os seus paralelismos e diversidade.

1. Enquadramento geográfico e ocupação local

Estas duas cidades estão situadas no Sul de Portugal, mas Setúbal está localizada no litoral, na bacia hidrográfica do Sado, junto à foz deste rio, com uma extensa baía, protegida pela cordilheira da Arrábida, com um clima ameno e Évora situa-se no interior do país, numa região com clima predominantemente mais seco e quente, com relevo aplanado. Distam entre si de 85,25 Km, no entanto as respectivas condições geofísicas diferem bastante (**Figura 1**).

Uma boa “*posição*” relativamente ao posicionamento com outros núcleos importantes, à escala regional, e também à escala externa, com ligação terrestres e aquáticas, e um “*sítio*” (Salgueiro, 1992, 149) com características topográficas e geográficas permitiram e facilitaram a implantação física e asseguraram boas condições naturais de defesa e funcionais de Setúbal, que se desenvolveu com as actividades fluviomarítimas e mercantis a partir do seu porto, do Oceano Atlântico e Mar Mediterrâneo. O actual núcleo urbano antigo terá tido o seu início na colina de Santa Maria, com orientação a Poente.

¹ Deriva de *Urbs*, que, em latim, significa um aglomerado com muralha, portanto individualizado do campo circundante e metaforicamente dotado da capacidade de defesa (Salgueiro, 2006, 10).

² Deriva de *Civis*, que em grego se refere à comunidade dos cidadãos, dos que tinham acesso à *polis*, à discussão e à decisão pelo voto na Grécia clássica (Salgueiro, 2006, 10). A *Polis* era a cidade-estado constituída por um aglomerado urbano e abrangia toda a vida pública de um pequeno território com autonomia.



"NOVA PORTUGALLIAE Tabula juxta recintiores HISPANIAE et PORTUGALLIAE", por François HALMA, 1700, BNBR. Assinalámos: 1 - Mérida, 2 - Évora, 3 - Setúbal.



Pormenor de "NOVA PORTUGALLIAE Tabula juxta recintiores HISPANIAE et PORTUGALLIAE". Assinalámos: 2 - Évora, 3 - Setúbal

Figura 1. Indicação da localização de Setúbal, Évora e Mérida sobre a "NOVA PORTUGALLIAE Tabula ...".

Foi ocupada por vários povos, desde a proto-história, no entanto a cidade de hoje ter-se-á formado com o repovoamento em 1170 (Costa, 1706-1712, 289), operado, com a reconquista cristã, por D. Afonso Henriques³, após ter passado por uma fase de declínio e abandono depois da invasão islâmica. A defesa deste território, a favor dos cristãos, foi entregue à Ordem de Santiago da Espada.

Évora situa-se numa região com frequentes marcas de populações que em épocas longínquas a povoaram. Na cidade é a partir da ocupação romana que esses sinais são mais nítidos, sendo que o núcleo

³ D. Afonso Henriques armou-se cavaleiro em 1122, na Catedral de Zamora. Foi o fundador do Reino de Portugal e reinou de 5 de Dezembro de 1143 a 6 de Dezembro de 1185.

populacional terá sido reconfigurado, com a influência da cultura urbana vigente. Embora condicionada pela topografia, a cidade assumiria as orientações de Vitruvius (Maciel, 2006, 41) para qualquer urbe do Império. Os equipamentos públicos, a regularidade no traçado e a dimensão das ruas foram essenciais, para definir a nova imagem urbana. As vias militares que irradiavam da cidade, por exemplo a via romana Olisipo – Salacia – Eborac – Emerita⁴, correspondente ao “*Itinerário XII*”⁵ com ligação também a Caetobriga⁶, que asseguravam ligações rápidas e seguras às várias regiões que na época integravam o império romano foram fundamentais para o desenvolvimento económico e cultural. É desta época, a génese reticulada da malha urbana da cidade, algumas estruturas e troços de muralha.

Na sequência de guerras internas, entre facções muçulmanas rivais, a cidade, tal como Setúbal, foi totalmente despovoada e sofreu danos significativos. Contudo no início do séc. XII terá sido uma urbe grande e povoada, cercada de muralhas, com um castelo forte e uma mesquita catedral. Após a conquista por Giraldo Sem Pavor e entrega ao rei D. Afonso Henriques, a cidade passou, em primeiro lugar, a ser defendida por ordens militares exteriores e mais tarde, por outra do mesmo cariz (os Freires de Évora), que asseguraria eficazmente a posse da cidade aos cristãos. Setúbal, nesta época, não passava de uma aldeia de pescadores, do termo de Palmela. A povoação afirmou-se à escala exterior europeia, no séc. XIII com a produção de sal (Rau, 1984).

Estas cidades passaram pelos mesmos momentos históricos, mas nelas não sobreviveram idênticas marcas, nomeadamente a influência romana que determinou o traçado de génese reticulada que ainda hoje persiste no primitivo núcleo amuralhado de Évora⁷. Setúbal foi o mais importante centro industrial de salga de peixe do ocidente peninsular, e também comercial, havendo testemunhos dessa época, no entanto na actual cidade não existem evidentes testemunhos urbanísticos que nos permitam confirmar essa influência no seu traçado⁸.

2. A urbe medieval

No séc. XIV Setúbal possuía condições económicas e jurisdicionais que proporcionaram a construção de uma cintura de muralhas que protegia a “*Praça*”⁹, um tecido urbano com os núcleos correspondentes às

⁴ Lisboa – Alcácer do Sal – Évora – Mérida. Mérida era a antiga capital da Lusitânia.

⁵ Correspondente ao *Itinerário de Antonino* ou *Itinerarium Antonini Augusti*, escrito no séc. III.

⁶ Setúbal.

⁷ A ocupação do povo Godo ocorreu, em Évora, entre os séculos VI e XII tendo estes adaptado à sua cultura muito do marcante património urbanístico e arquitetónico legado pelos romanos.

⁸ Setúbal, na época romana, situar-se-ia numa cota a cerca 1,00 m abaixo da cidade actual.

⁹ A muralha assegurava a protecção mas também permitia a prática fiscal e fortalecia a autonomia e a afirmação identitária da povoação, conferindo-lhe uma posição de importância. Esta muralha apresentava uma planta com uma forma aproximada do rectângulo, estava munida com torres poligonais de plantas quadrangulares e duas hexagonais e teria três portas, a da Ribeira, da Vila e da Erva.

duas igrejas, de Santa Maria e S. Julião, à judiaria e à mouraria, tendo o seu centro localizado na Praça da Ribeira, onde se desempenhavam as funções político-administrativas, jurídicas, fiscais e económicas.

A configuração da muralha controlou o desenho urbano deste núcleo antigo até aos nossos dias, existindo marcadamente em planta. O principal arruamento e via estruturante do tecido urbano, ou a *Rua Direita*, ligava as duas portas principais entre si e ao centro e assegurava a ligação aos vários espaços da povoação. A malha urbana é irregular e fortemente gerada sob a influência longitudinal deste arruamento que atravessa a povoação (**Figura 2**).

O centro urbano tinha uma localização lateralizada relativamente à mancha edificada e ao espaço cercado pela muralha, estando adjacente a esta, no seu limite Sul. Comunicava com a praia através da Porta da Ribeira e, por esta, com o Rio através do cais. Esta relação com o Rio era fundamental para assegurar e facilitar a funcionalidade das actividades fluvio-marítimas e mercantis.

No séc. XVI, com D. João III ¹⁰ iniciaram-se os trabalhos de construção dos edifícios públicos para transferência deste centro urbano para o Largo do Sapal, onde já existiam equipamentos ¹¹. Surgiu a nova Praça do Sapal com um desenho irregular resultante dum espaço já existente, que foi alargado e adaptado às novas funções ¹². Com uma localização central à geometria do aglomerado para Nascente e para Poente proporcionou a facilidade de comunicação e de articulação com a restante área urbana, continuando numa posição urbana de centralidade morfológica, funcional e simbólica, dominante sobre as restantes áreas (**Figura 2**).

A cidade de Évora possuía um centro urbano primitivo, do período da Alta Idade Média, circunscrito por uma muralha de construção romana, enquanto Setúbal não possuía infraestruturas defensivas conhecidas, da referida época, determinantes para a sua actual forma.

Setúbal foi limitada por muralha no século XIV e em Évora estava em construção a segunda cintura de muralhas ¹³ que abarcaria toda a expansão urbanística consolidada durante os séc. XIII-XV. Passou assim

¹⁰ D. João III reinou de 13 de Dezembro de 1521 a 11 de Junho de 1557.

¹¹ Destes equipamentos destacamos a igreja de S. Julião, o chafariz abastecido com a água conduzida pelo aqueduto, construído em 1487 e o Paço do Duque.

¹² Este centro urbano, localizado em zona com cota mais baixa de toda a cidade, manteve-se até ao presente, com a actual designação de Praça de Bocage.

¹³ A conclusão desta cintura de muralhas terá sido anterior a 1501, dado que o segundo foral manuelino apresenta um desenho aguarelado, da cidade, com iluminura explícita sobre o assunto. D. Manuel I reinou de 25 de Outubro de 1495 a 13 de Dezembro de 1521.

a integrar dois espaços autónomos, concêntricos, ligados pelas primitivas portas romano/godas ¹⁴. Durante este período o centro económico e cívico da cidade mudou-se do interior do primitivo espaço para o exterior ¹⁵. No final da Idade Média o tecido urbano estava formado. A construção foi-se densificando nos principais eixos e praças. Contribuíram para tal a localização de conventos e mosteiros que constituíram focos dinamizadores de uma economia urbana à época essencial ¹⁶.

A segunda cintura amuralhada, em finais do século XV delimitou a área urbana fazendo convergir para as portas nela existentes o fluxo de circulação. A necessidade de espaços livres amplos ao longo do interior das muralhas e a existência de terreiros situados nas referidas portas condicionaram a localização de mais construção obrigando a uma densificação progressiva nas restantes áreas. A cidade medieval de Évora foi marcada pela estadia da corte portuguesa na urbe e pelas consequências daí resultantes ¹⁷.

Uma das características da cidade medieval de Évora é que, apesar da diversidade de tipologias urbanas, ela cresceu a partir do primitivo centro amuralhado para um ou mais espaços abertos, junto às portas da fortificação, e que se converteriam em futuras praças. Setúbal teve o seu crescimento com a extensão dos arrabaldes para Nascente e para Poente, no seguimento do rio e mantendo a proximidade deste (**Figura 2**).

¹⁴ Refira-se as, ainda hoje existentes, Porta D. Isabel para Poente, primitiva de Alconchel para Sul e de Moura para Nascente.

¹⁵ Situar-se-ia a Poente da Sé, local anexo ao qual ainda se pode constatar, integrando a actual biblioteca pública, a existência do portal de entrada da primitiva câmara municipal. Logo no início do século XVI a importância urbana da Praça Grande (actual Praça de Giraldo) fez com que a actividade municipal passasse a decorrer em nova construção situada no topo Nascente da referida praça em local onde hoje se situa o Banco de Portugal.

¹⁶ Indicamos o exemplo dos arrabaldes de S. Francisco e do S. Domingos e do cultivo das cercas destes conventos pela população local.

¹⁷ Entre 1282, com D. Dinis, e 1535, com D. João III, realizaram-se um total de doze cortes na cidade de Évora nas quais estiveram representadas todas as classes do país.

Em 1325 foi autorizada, pelo Papa, a mudança do Paço, à data situado na Praça (actual Praça de Giraldo), para o convento de S. Francisco. Tal mudança é fundamentada por D. Afonso IV por este local ser mais calmo e amplo comparativamente com o anterior que à data já constituía o centro económico da cidade.

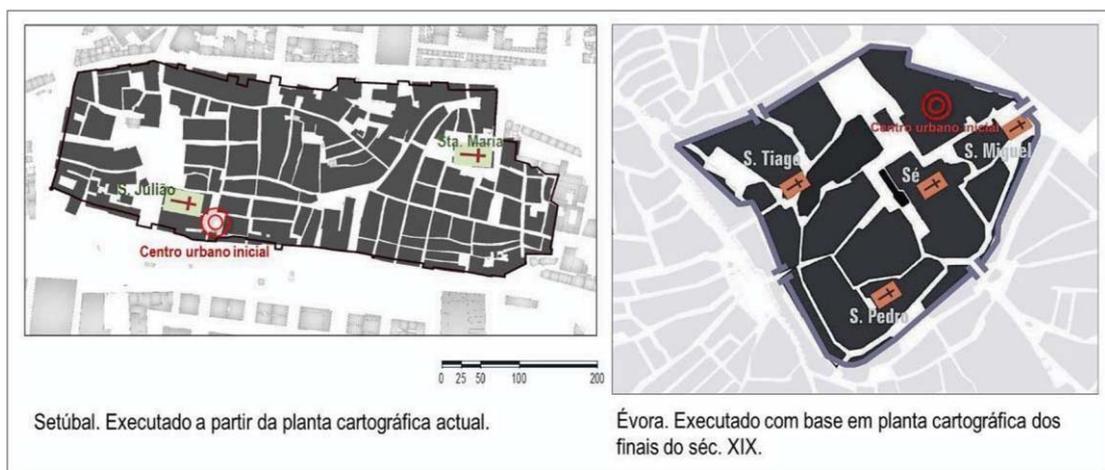


Figura 2. Representação do desenho da malha urbana nos núcleos antigos de Setúbal e de Évora.

A urbe medieval nestas cidades era constituída por várias grupos sociais, com mistura de raças e religiões, cristãos, mouros e judeus, autóctones e imigrantes, cuja ocupação urbana nem sempre coexistia harmoniosamente, no entanto foi um factor importante na diversidade cultural e dinâmica social.

3. O tecido urbano delimitado pela fortificação moderna

Com a Restauração da independência foi reforçado o sistema defensivo de Setúbal (**Figura 3**), do qual fez parte a fortificação abaluartada que circunscreveu a área urbana consolidada, o núcleo urbano intramuralha medieval e os arrabaldes já existentes para Nascente e para Poente ¹⁸. Esta fortificação veio criar novos limites e uma nova relação de influências na morfologia urbana, com a alteração da dinâmica da interrelação de forças estruturais, quer entre os vários espaços urbanos, quer na relação da nova urbanidade com a envolvente rural. Os anteriores arrabaldes ficaram, desde então integrados no núcleo urbano e novas áreas periféricas se estabeleceram.

¹⁸ Segundo o projecto concebido, em 1642, por Jean Gilot e Cosmander, foi construída a nova linha de defesa. Nesta estrutura defensiva de Setúbal trabalharam vários engenheiros militares, nomeadamente Nicolau de Langres, Simão Falónio, Luís Serrão Pimentel, Mateus do Couto, Sebastião Pereira Frias, Simão Mateus, D. Diogo Pardo de Osório e Francisco João da Silva, tendo a direcção das obras sido acompanhada, durante um largo período de tempo, por João Rodrigues Mouro. Luís Serrão Pimentel projectou as obras do forte de São Luís Gonzaga em Setúbal, tendo delineado a praça de Évora onde também dirigiu as operações defensivas na restauração.



"Pianta della PIAZZA di SETUBAL in PORTUGALLO", 1666.

"PIANTA DELLA PIAZZA DI EVORA, CITTA IN PORTUGALO, del Anno 1668".

Figura 3. Desenho das fortificações, medieval e seiscentista, de Setúbal e de Évora em "Plante d'Estremadura e di Catalogna" (POSSI, 1687, Nº 42 e 31). Assinalámos a localização do centro urbano.

À medida que a urbe se expandiu e a malha urbana aumentou, novas dinâmicas surgiram, sem no entanto, alterar a forma e a lógica de comunicação entre os vários espaços urbanos e o diálogo entre as hierarquias funcionais da vila. Esta passou, então, a ser constituída por bairros onde novas centralidades de sociabilidade foram surgindo com a criação de novas praças. O desenho da malha urbana destas ocupações mais tardias apresenta uma malha ortogonal, com quarteirões rectangulares muito compridos¹⁹, verificando-se que os quarteirões construídos posteriormente têm a forma mais próxima do quadrado e com maiores dimensões. O centro urbano continuou a desempenhar as suas funções, comunicando com as restantes zonas através da Rua Direita, que se estendeu e ramificou atravessando os bairros, num paralelismo à linha de costa (**Figura 4**).

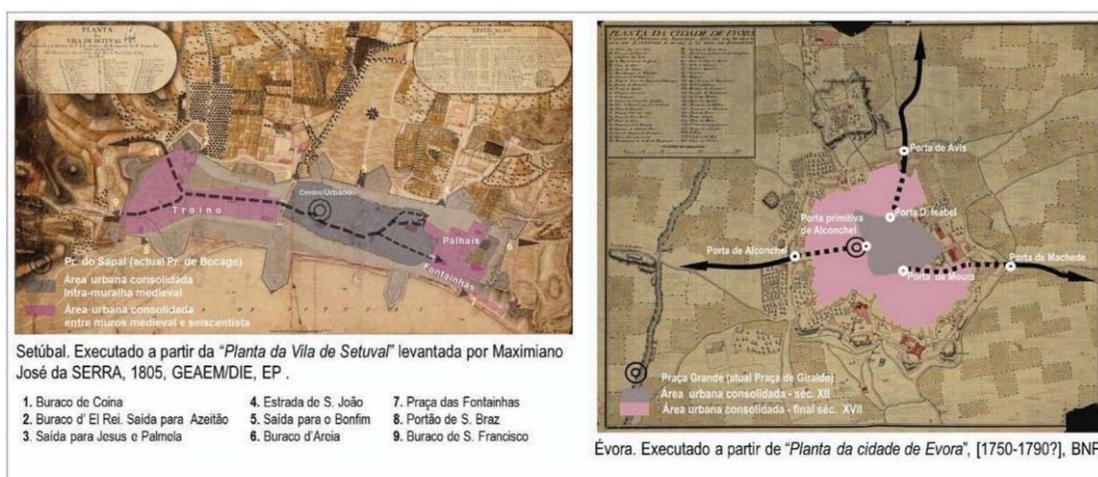


Figura 4. Setúbal e Évora. Indicação da ocupação urbana, do centro urbano e das principais vias de circulação, nos finais do séc. XVIII.

O sistema abaluartado moderno concretizado em Évora²⁰ contribuiu pouco para a formação de novo tecido urbano considerando que os baluartes edificadas se situaram muito próximo do segundo perímetro amuralhado e a necessidade de amplo espaço livre inviabilizava a constituição de mais tecido urbano²¹.

Deste sistema de fortificações partem radialmente as estradas (**Figura 4**), nomeadamente para Lisboa através da porta de Alconchel²², para Estremoz pela porta de Avis²³ e, finalmente, para Beja, através da

¹⁹ Estes quarteirões eram constituídos, na generalidade, por lotes de frente estreita e compridos.

²⁰ Em 1642, D. João IV enviou para Évora Carlos *Lassart*, para elaborar o projecto e as obras de reformulação e de reforço da fortificação medieval da cidade de Évora. O primeiro projecto aprovado data de 1659, da autoria de Nicolau de *Langres*, não tendo sido concretizado devido às ligações posteriores do autor a Espanha. A actual construção refere-se ao período entre 1640-1663, com projecto e obra da responsabilidade de Luís Serrão Pimentel, baseado no esquiço inicial de Nicolau de *Langres*. Estas obras contemplaram a construção de sete baluartes situados muito próximo da muralha medieval, de modo a reforça-la relativamente à utilização de diferente tipo de armamento.

²¹ Repare-se que em Évora, com as estadias cada vez mais raras do rei e respetiva corte em Évora, a partir de finais do século XVI, a cidade entrou em declínio sem a necessidade de novas áreas urbanas. Veja-se por exemplo o caso do baluarte do Conde de *Lippe* que foi convertido num sector do Jardim Público, construído em finais do século XIX.

²² A ligação primitiva era efetuada pela antiga porta de Alconchel localizada na muralha romana-goda.

²³ Anteriormente realizada pela porta de D. Isabel.

porta de Machede ²⁴. Estas ligações urbanas resultaram dos antigos caminhos que evoluíram para vias de circulação preferenciais e deram origem às aberturas mais convenientes no conjunto defensivo edificado ao longo dos séculos.

4. A adaptação das cidades no séc. XIX

No final do séc. XIX e séc. XX as cidades viveram um sentimento social de que era necessário modernizar, em rejeição das más condições de salubridade dos núcleos históricos e em adaptação aos novos padrões sociais e tecnológicos ²⁵.

Setúbal manteve a consolidação urbana limitada pela fortificação seiscentista até aos finais do séc. XIX, época em que se iniciou o rompimento desta estrutura para o estabelecimento de pontos de ligação a novas áreas de expansão ²⁶ e sobretudo no século seguinte com as áreas urbanas surgidas.

A nova cidade preocupou-se com as melhorias urbanísticas que iriam dar satisfação a uma burguesia que aspirava uma qualidade ambiental que extravasava os limites e parâmetros da “cidade histórica”, iniciandose um novo ciclo que correspondeu a uma fase económica baseada na indústria, com novas vias de comunicação ²⁷ e a continuação do desenvolvimento educativo e cultural. Assistiu-se à adaptação da cidade com a implementação de equipamentos, de infra-estruturas, surgiram os passeios públicos ²⁸, a criação de novos espaços públicos ²⁹ e na organização e regulamentação do edificado.

A terraplanagem efectuada sobre o Rio Sado, e a transformação da Rua da Praia e da praia na nova avenida, veio alterar definitivamente a morfologia urbana, tornando-se esta avenida no principal eixo estruturante da cidade ³⁰. O desenho desta nova zona urbana continuava ³¹ a orientação da Rua da Praia,

²⁴ Constituinte-se como a relocalização das portas de Moura.

²⁵ O séc. XIX é considerado pelos historiadores a época da regeneração, reportando-se a um período decorrido entre 1851 e 1866, criado pelo movimento liberal que proporcionou a promoção do desenvolvimento económico e social, com a realização de obras estruturais na rede de circulação e de comunicação e na modernização da agricultura, do comércio e da indústria. A exemplo das reformas parisienses foram criadas as novas avenidas desenhadas na periferia mas com ligações à cidade antiga interferindo na respectiva morfologia urbana.

²⁶ A evolução da Vila sadina foi reconhecida, tendo merecido a elevação à categoria de cidade por Decreto da *2ª Repartição da Direcção-Geral de Administração Pública do Ministério do Reino*, de D. Pedro V, de 19 de Abril de 1860. D. Pedro reinou de 15 de Novembro de 1853 a 11 de Novembro de 1861.

²⁷ Início da circulação ferroviária com a inauguração, a 1 de Fevereiro 1861, do troço de caminho-de-ferro do Pinhal Novo a Setúbal, dos transportes fluviais com a ligação a Lisboa por barco e das carreiras diárias de barco a vapor para Alcácer do Sal em 1867, e da iluminação a gás das principais ruas da cidade.

²⁸ Indicamos, como exemplo, a criação do Passeio do Lago e o Campo do Bonfim.

²⁹ Indicamos como exemplo a criação da Avenida Luisa Todi e as demolições efectuadas da Praça do Sapal, nomeadamente na muralha medieval para as novas ligações viárias.

³⁰ Actual Avenida Luisa Todi.

³¹ A partir do Baluarte de N. Sra. do Livramento até ao Baluarte de N. Sra. da Conceição.

paralela ao rio, e constituía seis novos quarteirões de malha ortogonal ³², que deram lugar a edificações de referência na cidade.

Outras largas avenidas novas foram criadas ³³ e traçadas perpendicularmente e paralelamente à avenida Luisa Todi (**Figura 5**), projectando a cidade para Norte e para Nascente com a construção de novos bairros.



Figura 5. Setúbal e Évora. Traçados da antiga e das actuais vias de circulação, principais. Executado sobre imagem obtida a partir do Google earth, 2007.

Os bairros sociais iniciados em meados do séc. XX, com o Estado Novo, destacaram-se na cidade pela extensa área ocupada ³⁴.

As intervenções urbanísticas então realizadas tiveram enquadramento urbanístico no Plano Geral de ³⁴Urbanização de 1944, do Arq. João de Aguiar ³⁵.

Os anteriores arruamentos da cidade histórica viriam, actualmente, a ser condicionados ao trânsito automóvel e vocacionados ao uso pedonal.

Com a deslocação da corte para Lisboa, no final do séc. XVI, a cidade de Évora entrou em declínio até meados do séc. XX, não havendo evolução urbanística e económica assinalável. Numa cidade em que o tecido urbano se encontrava preenchido com a propriedade particular, os espaços anteriormente ocupados

³² Estes quarteirões foram subdivididos em grandes lotes com várias frentes para as ruas projectadas criando o espaço urbano localizado na zona Nascente da actual Avenida Luisa Todi.

³³ Em Setúbal, estas novas avenidas foram criadas com um perfil transversal de duas faixas de rodagem separadas por um espaço central arborizado. Esta tipologia de traçado tem vindo a desaparecer, existindo ainda e apenas na Avenida 22 de Dezembro.

³⁴ A esta expansão correspondeu um aumento demográfico que alterou as características e constituição da sociedade setubalense, com a vinda de novas populações para a cidade.

³⁵ A figura de "*Plano Geral de Urbanização*" foi criada pelo Decreto-Lei n.º 24.802, de 21 de Dezembro de 1934, o qual fixava a obrigatoriedade das Câmaras Municipais elaborarem Planos Gerais de Urbanização.

pelas casas religiosas proporcionaram áreas fundamentais para a reedificação urbanística e implantação de serviços públicos. A edificação de algumas construções, ainda hoje consideradas de referência, é desta época e foram viabilizadas pela iniciativa de particulares em espaços livres de antigos conventos³⁶. A construção do caminho-de-ferro ³⁷ viabilizou o desenvolvimento urbano de área específica garantindo a ligação entre a estação e o espaço amuralhado. Com o advento do Estado Novo, em 1945, o Arq. Étienne Groer preconizou intervenções no tecido urbano com o antepiano de urbanização, propondo a constituição de novos largos, abertura de diferentes arruamentos e realinhamento de outros, através do sacrifício de edificações existentes.

Considerações finais

No caso de Setúbal a localização e as respectivas condições asseguraram-lhe as condições de defesa, de sustentabilidade e de desenvolvimento do tecido urbano que foi sendo formado e desenhado, sob a orientação de eixos viários e o surgimento progressivo de praças, tomando uma forma alongada, mais segundo um crescimento orgânico, do que em obediência à existência de planos com preocupações de carácter formal.

As condições do local determinaram a sua implantação e desenvolvimento, a Ordem de Santiago, o poder régio, a igreja e o poder social geriram o seu destino conjuntamente com o Rio Sado, que influenciou a sua economia e o tecido social, e constituiu um elemento gerador da morfologia urbana.

Setúbal manteve o traçado medieval e a ocupação urbana durante um largo período de tempo, iniciando as novas linhas de intervenção urbanística no final do séc. XIX. No séc. XX a cidade foi submetida a uma explosão da expansão urbanística mas manteve o seu centro urbano ³⁷.

A sua organização morfológica tem vindo a ser alterada, com início no séc. XVI, até ao séc. XIX. No séc. XIX, as transformações ocorridas efectuaram-se em função do novo meio de locomoção, o automóvel. Rasgaram-se as muralhas e alargaram-se ruas. Verificamos a existência de uma morfologia urbana com desenhos diferenciados em função da sua origem, da sua relação com a cidade, com o seu centro urbano e com as novas tecnologias, e tendências urbanísticas.

Da “cidade” romana em grelha à “cidade” fortaleza romano-goda e finalmente à cidade radial, soluções naturais dependentes das diversas culturas e vivências inerentes a cada época, resultou, em Évora, num

³⁶ O Teatro Garcia de Resende edificado no antigo local da igreja do convento de S. Domingos, ou da casa Barahona em terrenos anexos ao convento de S. Francisco. Como criação de espaço de circulação e sociabilização, refira-se o Jardim do Paraíso no local do antigo mosteiro com o mesmo nome.

³⁷ Inaugurado em 1863. ³⁷ Actual Praça de Bocage.

sedimento urbanístico e humano indissociável da actual cidade. Os antigos eixos estruturantes da cidade continuam ainda a assumir um papel dominante, actualmente reforçado pela obrigatoriedade dos sentidos de trânsito no interior da cidade amuralhada. Quanto aos percursos pedonais eles acentuam-se actualmente em função dos locais de estacionamento e paragens de transportes públicos, não obstante a antiga Praça Grande (Praça de Giraldo) continuar a polarizar todo o movimento na cidade.

Referências bibliográficas

- Braga P (1998) *Setúbal Medieval (Séculos XIII a XV)*, C. M. Setúbal, Ed., Setúbal.
- Carvalho A (2004) *Da Toponímia de Évora (Vol. I)*, Fernando Mão de Ferro, Lisboa.
- Carvalho A (2007) *Da Toponímia de Évora (Vol. II)*, Colibri, Lisboa.
- Costa P (1706-1712) *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso reyno de Portugal...*, Lisboa (BNP ed., Vols. Tomo III, Tratado VII, Cap.I), Off. de Valentim da Costa Deslandes, Lisboa.
- Goitia F (1982) *Breve História do Urbanismo*, 2.^a, 1989 ed., E. C. Lima, Trad., Editorial Presença, Lisboa.
- Lima M (2004) *Muralhas e Fortificações de Évora*, Argumentum, Editorial Presença, Lisboa.
- Maciel M (2006) *Vitruvio. Tratado de Arquitectura*, 3.^a, 2009 ed., IST Press.
- Monteiro M (2011) *Sistema Monástico-Conventual e Desenvolvimento Urbano da Évora na Baixa Idade Média*, Tese de Doutoramento, Documento Policopiado ed., Universidade de Évora, Évora.
- Pimentel A (1877) *Memória sobre a História e Administração do Município de Setúbal*, 1992, 2.^a ed., Vols. col. Biblioteca Pública Municipal de Setúbal - Série Fac-Simile, C. M. Setúbal, Ed., Gutierrez da Silva, Lisboa.
- Possi L (1687) *Piante d'Estremadura e di Catalogna*, Documento Manuscrito ed., Museu Galileu.
- Rau V (1984) *A Exploração e o Comércio do Sal de Setúbal – Estudo de História Económica*, Estudos sobre a História do Sal Português ed., Presença, Lisboa.
- Salgueiro T (1992) *A Cidade em Portugal. Uma Geografia Urbana*, 3.^a, 1999 ed., Edições Afrontamento.
- Salgueiro T (2006) *Oportunidades e Transformações na Cidade Centro*, Finisterra, XLI, 81, 9-32.
- Tomé M (2014) *SETÚBAL: Topologia e Tipologia Arquitectónica (séc. XIV - XIX)*, Memória e futuro da imagem urbana, Tese de Doutoramento, Documento policopiado ed., Universidade da Beira Interior, Covilhã.